

# PACTO: 10 anos de ações na interface arte e saúde e suas ressonâncias no campo profissional<sup>1</sup>

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima, Erika Alvarez Inforsato,  
Mariângela Scaglione Quarentei, Patrícia Silva Dorneles, Eliane Dias de Castro

**Resumo:** Nos dias 19 e 20 de junho de 2008, um grupo de profissionais, estudantes, pesquisadores e professores se reuniu em São Paulo, no *I Encontro de Terapia Ocupacional e as Ações na Interface entre as Artes e a Saúde*. O Evento congregou as características de uma Reunião Científica com as de uma celebração, para marcar os dez anos de funcionamento do Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional – PACTO, projeto didático-assistencial do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional, desenvolvido no Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP. Neste trabalho, apresentamos trechos de contribuições orais de alguns profissionais que participaram do evento, nos quais diferentes perspectivas sobre o projeto são abordadas: sua sustentação cotidiana no âmbito da Universidade de São Paulo, suas ressonâncias com outras práticas e trajetórias no campo da Terapia Ocupacional, sua forma de operar parcerias, sua necessária articulação clínico-artística-cultural para viabilizar a participação das populações em vulnerabilidade social, em projetos de arte e cultura.

**Palavras-chave:** *Terapia Ocupacional, Arte, Saúde, Educação.*

## ‘PACTO’: 10 years of actions on the interface between art and health and its resonances in the professional field

**Abstract:** On June 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup>, 2008, professionals, students, professors and researchers got together in Sao Paulo, at the Department of Physical Therapy, Speech and Hearing Therapy and Occupational Therapy during the “*I Encontro de Terapia Ocupacional e as ações na Interface entre as Artes e a Saúde*” (First meeting of Occupational Therapy and the actions on the interface between arts and health). The event was organized to celebrate the 10<sup>th</sup> anniversary of ‘PACTO’ – Artistic Compositions and Occupational Therapy Permanent Program - a didactic-assistance project of the Laboratory of Studies and Research in Art, Body and Occupation Therapy, developed at the Occupational Therapy Program of the University of Sao Paulo - USP. This article presents excerpts of verbal contributions made by some professionals who attended the event. The reported experiences have brought different perspectives to the project: its daily sustainability in the ambit of the University of Sao Paulo, its resonances on other practices and trajectories in the field of Occupational Therapy, its way of operating partnerships, the required clinical-artistic-cultural articulations to make it possible for the participation of people in vulnerability in art and culture projects.

**Keywords:** *Occupational Therapy, Art, Health, Education.*

## 1 Introdução

Projeto didático-assistencial do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional, o Programa Composições Artísticas e Terapia Ocupacional – PACTO comemorou seus dez anos de trabalho, nos dias 19 e 20 de junho de 2008, no Bloco Didático do Departamento de

Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, em São Paulo.

Durante o evento, estiveram presentes a equipe de coordenação do projeto, profissionais colaboradores, formadores, estudantes, parceiros, participantes e famílias atendidas, ex-alunos e outros profissionais

que desenvolvem atividades na interface das artes e da saúde, e cuja prática possui ressonâncias e afinidades com as do PACTO. São vínculos essenciais, que dão sentido às ações e aos acontecimentos ocorridos nesses dez anos de trabalho coletivo e que, de múltiplas formas, contribuíram para a construção dessa experiência.

O evento conseguiu congregiar as características de uma Reunião Científica com as de uma verdadeira festa, que celebrou uma experiência orientada à invenção de novas tecnologias socioculturais para populações em vulnerabilidade social e ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa nesse campo. Também fez parte do evento a organização de uma mostra de experimentos artísticos realizados pelos participantes dos grupos do PACTO e pelos estudantes de graduação em Terapia Ocupacional, vinculados ao programa.

Foi possível verificar as ressonâncias dessa experiência no campo da saúde e das artes no próprio momento do evento, com a efetivação de trocas significativas de elementos materiais e imateriais. Dessa forma, ficou evidente a importância de que essas trocas pudessem alcançar desdobramentos em outra duração; daí, a decisão de publicar trechos das contribuições orais feitas por algumas das Terapeutas Ocupacionais, ao longo dos dois dias dessa festa, que foi também um momento de discussão e atualização de questões pungentes para todos os presentes. A organização possível desse material apresenta-se a seguir, na forma deste texto coletivo em que as autoras sucedem-se, a partir de suas colocações no evento.

## 2 Eliane Dias de Castro: a experiência do pacto

“É com alegria que estamos recebendo, nesta tarde de quinta-feira, todos vocês para a abertura do Evento de Comemoração dos dez anos do PACTO. São dez anos de um trabalho atento e intenso na atenção de pessoas de todas as faixas etárias – desde as crianças até os idosos e, também, na formação de estudantes de graduação em Terapia Ocupacional e de profissionais das áreas das artes, da saúde e da educação, na especialização e na pós-graduação. Trata-se de uma longa experiência de trabalho: a concepção, a implantação, o desenvolvimento e a sustentação do PACTO na Universidade de São Paulo. São dez anos de agenciamentos de um projeto coletivo no campo da Terapia Ocupacional, que tem nos alimentado tanto no pensamento e na reflexão quanto na viabilização de práticas artísticas para pessoas que trazem marcas de exclusão social.

Assim, penso que é muito bom poder compartilhar com vocês alguns traços das intensidades deste projeto. E é isso que iremos realizar nas atividades programadas para hoje e para amanhã. Antes de começarmos, gostaria de fazer alguns agradecimentos públicos: agradecer ao Curso de Terapia Ocupacional da USP, por ter acolhido nosso ‘híbrido’ projeto ao longo desses anos; agradecer à equipe de coordenação e organização deste evento: Beth Lima, Erika, Andréa, Naiada, Chris, Renan, Dani, Kely, Nara e Patrícia, e as estagiárias do quarto ano deste semestre Fabíola, Claudia, Luciana, Talita, Juliana e Gláucia, pela disposição para compor conjuntamente com a equipe; e o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP.

A experiência do Pacto nos tem mostrado que é fundamental darmos tempo e espaço para que várias formas de fazer, expressar, inventar e conhecer possam ser acolhidas numa perspectiva na qual a medida humana se apresente em sua diversidade. Através deste projeto, temos participado efetivamente na produção da saúde e de sujeitos no mundo contemporâneo. A instalação deste dispositivo clínico-artístico-cultural teve, como um de seus objetivos, possibilitar liberdade de ação no engendramento de práticas inovadoras que acreditamos gerarem potência e singularidade a processos de criação e de vida, a partir de intervenções de Terapia Ocupacional. Estabelecemos um trânsito na interface entre a Arte e a Saúde, enfrentando um território cultural bastante contraditório, dominado por uma cultura de consumo e, em consequência disto, de exclusão de pessoas, de formas de expressão e de linguagens.

Nosso trabalho ocorre a partir da instauração de um campo corpante, no qual o cuidado, o tempo e a atenção tornam-se elementos de sustentação de experimentação, construção corporal e fazer artístico. Nele, há a criação de trabalhos em diversas linguagens: desenhos, pinturas, xilogravuras, textos, bordados, objetos, esculturas, danças, música, teatro, imagens, cozinha – acrescentados de um processo de encontro e convivência, numa relação de compromisso e responsabilidade com os vínculos criados.

A resposta afirmativa dos grupos desenvolvidos no PACTO e das pessoas atendidas é também responsável por sua continuidade e formatação. A partir da multiplicidade dos encontros promovidos pelo Programa, pudemos também experimentar diversas formas de circulação no território da cidade, estabelecer relações com o entorno artístico-cultural e novas formas de conexão entre as pessoas.

Nessas andanças, uma pluralidade de trocas vem ocorrendo entre os participantes, dos participantes com a equipe, estagiários e bolsistas, e entre todos

aqueles que cruzam conosco no trabalho de construir entradas, gestos e participação no mundo, colaborando, dessa forma, com a sua renovação.

No período de 2003 a 2007, minha experiência na coordenação de um projeto de pesquisa sobre os ateliês de corpo e arte realizados num dos grupos de atendimento e na organização da produção artística deste grupo, e o acompanhamento da entrada dessa produção no circuito cultural da cidade de São Paulo, trouxe a possibilidade de estudarmos as ações realizadas, envolvermos vários estudantes e profissionais nas práticas e debates necessários sobre o que estava em processo, e produzirmos alguns produtos além dos atendimentos semanais. Dentre estes, as exposições, um catálogo artístico, um site, e publicações do trabalho em congressos e revista especializada. A partir desta pesquisa, nos debruçamos sobre a nossa história, a constituição dos grupos e das parcerias, problematizando os atendimentos, os métodos utilizados e a formação dos estudantes, e estabelecemos conexões com as políticas públicas.

A emergência de novas camadas de experiência fez com que pudéssemos ampliar nossa conectibilidade com o mundo e fortalecer a convivência e a criação de laços, dando lugar a uma nova formatividade das vidas em conexão que vem gerando novos projetos. Neste evento, poderemos compartilhar com muito gosto um pouco da “matéria” desses fazeres. Os trabalhos e as obras aqui mostradas, e a experiência da produção de exposições têm permitido cavarmos na tessitura da malha cultural, novos vínculos, novas visualidades, novos agenciamentos, enfim um mar de novidades que envolve a todos nós. Trata-se de ir gradativamente estabelecendo uma nova relação com o mundo, com as formas de ver e de viver, e com as formas de poder. Há um lugar e um processo em que mudanças são visíveis, palpáveis... Forças produtivas vão tornando-se disponíveis, potencializando a ação humana com a finalidade de enfrentarmos conjuntamente a marginalidade opressiva, a solidão, a ociosidade e a angústia, e habitarmos, na medida do possível, lugares da cultura, da linguagem, da criação, da pesquisa, da reinvenção do ambiente e do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade.

Essa singular experiência fez com que reconhecêssemos o pulsar da vida, do vivo e da organização coletiva, sustentando novas ações no mundo. Aqui, pode acontecer a instauração de uma paisagem na qual um modo de viver junto tem alojado novas possibilidades de configuração da existência. Com o projeto didático-assistencial do PACTO, experimentamos entradas singulares,

expressivas e comunicacionais no mundo da cultura, que reconstituem a experiência de uma cidadania cultural.

Esse projeto tem nos permitido cultivar ‘um pequeno quintal’ com uma variabilidade de espécies que exigiu tempo e atenção no cuidado para o seu crescimento. Instaurou um trabalho de cooperação na sua efetivação, promoveu certa experiência lúdica, produziu uma formatividade potente, sináptica, conectiva para o reconhecimento e a reconstrução de passagens da vida. Nesse sentido, é uma experiência que abre para novos projetos, novas continuidades para todos nós”.

### **3 Erika Alvarez Inforsato: 10 anos de começos importantes**

“A todos aqui presentes, que de diferentes maneiras entreveem-se nesta rede de afetos do PACTO, ofereço alguns pensamentos: devaneios de uma simpatia, neste momento entremeado por alegrias delicadas.

Se a forma não está pronta, buscá-la é sempre uma espécie de luta, uma batalha com o imponderável. Assim, sinto-me nesta escrita, na preparação do que é possível e desejável dizer de um percurso que, embora concentrado em um espaço-tempo pontual, está paradoxalmente disperso em desdobramentos que são extensões de camadas das histórias que se fazem em cada história. Com efeito, a história do PACTO e a minha história profissional são estreitamente coincidentes: há dez anos concluí o curso de graduação em Terapia Ocupacional, aqui na USP, e há dez anos comecei minha trajetória de contribuições e confusões no trabalho deste Projeto. Agrada-me a ideia de ter feito este PACTO. E de refazê-lo a cada tempo. Posto que estes dez anos não sinalizam nenhum caráter eterno do projeto, mas eles enunciam, sim, uma série de afirmações intermitentes, nas descontinuidades do compromisso de cada um de nós, que o compomos a cada dia. PACTO para uma transgressiva ocupação: fazer de certos fazeres da Terapia Ocupacional um fazer coletivo, nosso e de tantos outros que possam e queiram aproximar-se dele.

Um PACTO-ético, que aos poucos persistiu e persiste na instauração de relações de poder que não são da ordem da dominação, mas das relações de composição: heterogêneas, com exercícios de poder singulares, que buscam potencializar reciprocamente todos os envolvidos sem submetê-los, diluí-los ou destruí-los, seja nos momentos de atender, ou nas

situações de ensinar, ou nos modos de coordenar, de fazer parceria, de conversar.

Constituímos um PACTO-comum, uma resistência às tendências de nosso espaço de pertinência – a universidade –, que permite a existência desses fazeres – e é principalmente por isso que insistimos em ficar aqui –, mas que, paradoxalmente, quer capturar e submeter esses fazeres à uniformidade e à exclusividade. Uniformidade no sentido de não distinguir nem diversificar seus valores, que reifica padrões e os exige de um modo cada vez mais estreito; e exclusividade, entendida como aquilo que destaca, recorta e retira os acontecimentos do campo em que se produzem e os transforma em lugares pouco acessíveis, exclusivos e que, portanto, excluem. E esses modos de existir na universidade são embates cotidianos, nada lineares, repletos de situações de incongruência, em que muitas vezes nos vemos num campo emaranhado de linhas, embaraçadas entre adesões equivocadas, divergências, desertamentos e resistências efetivas.

Diria que o que nos guia é uma política da feitiçaria e que, embora ela seja forçosamente eliminada de nossos discursos, não o é de nossas vidas. Bem como para Deleuze e Guattari, penso que, para nós:

[...] esta política se elabora em agenciamentos que não são nem os da família, nem os da religião, nem os do Estado. Eles exprimiriam antes grupos minoritários, ou oprimidos, ou proibidos, ou revoltados, ou sempre na borda das instituições reconhecidas, mais secretos ainda por serem extrínsecos, em suma anômicos. [...] acompanham-se, em suas origens como em sua empreitada, por uma ruptura com as instituições centrais, estabelecidas ou que buscam se estabelecer. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 30).

PACTO-alquímico: alguns preparados se fizeram e se fazem através de uma série de passagens: em atendimentos, estágios, entrevistas, trabalhos com o corpo, seminários, ateliês, pesquisas, reuniões, oficinas, supervisões, convites, grupos de estudo, festas, aulas, jantares, leituras, cozinhas e encontros. Através dos fazeres nessas passagens, pautamos nosso conhecimento. Conhecimento no sentido nietzschiano de ‘invenção’, por trás do qual há forças em questão: um jogo de instintos, de impulsos, de desejos, de medo e de vontade de apropriação. E é no embate dessas forças que nosso conhecimento se produz. Em sua complexidade, esse conhecimento se aproxima radicalmente de um ‘pathos’. É um modo de conhecimento pático, que pressupõe a apreensão

do ‘clima’ de certa composição, a ‘atmosfera’ de uma situação captada de modo rápido e geral, e não pela somatória de detalhes (GUATTARI, 1992). O pático que diz respeito a fragmentos em conexão, que exercem forças que, por vezes, se acoplam, e em outras, se chocam. Um modo de conhecimento que se dá nos interstícios, nos intervalos de um combate.

É nessa região de sensibilidade em que me encontro e com a qual me desloco por entre as coisas deste Projeto, que são fatos de cultura, de escuta das diferenças e que, por isso, nos colocam diante de movimentos paradoxais. Ora, movimentos reacionários: quando compomos, inadvertidamente com o que há de mais convencional e rendido nas artes e no campo social capitalístico, reificando clichês, estereótipos e valores que, a título de inclusão, passam a contribuir com o mercado geral de poder, que definem pertinências através de acessos aos nomeados patrimônios culturais e que, portanto, reiteram exclusões. E ora, movimentos revolucionários: quando persistimos em nossa capacidade e possibilidade de invenção, de produção e agenciamento de sensibilidades; quando forçamos a abertura das esferas fechadas sobre si mesmas, que reproduzem a separação nociva entre o campo do sensível – da produção de signos e sensações – e os campos da política e da sociabilidade; revolucionários quando, enfim, contribuimos para uma mudança sutil e extensa nos conjuntos econômicos e sociais.

PACTO-existencial: um modo de ser/existir a partir de sua própria ação no mundo, ser o seu gesto. Com o que podemos operar com matérias muito distintas: uns com corpos difíceis, entendimentos intermitentes e limitados, interrupções, gagueiras, cambaleamentos, urros, gritos. ‘Nááááááááão, não quero!’ – grita alguém no grupo. E entendemos que é um grito para poder querer algo que não é o que está... Poder ‘estar’ outra coisa, não mais o mesmo, o mesmo, o mesmo...

[...] o ser humano precisa de não estar sempre no cotidiano, precisa de sair do cotidiano e entrar noutros níveis, noutra sensação do mundo, precisa de fazer coisas não produtivas, sair da lógica da produção, ter objectivos diferentes desses, precisa de voltar a saber que não há só um caminho entorpecedor e mecânico, que a vida é mais sutil do que isso, mais rica em redes e nós de sentidos e sensações, de linhas que se cruzam, se baralham e iluminam. (MANTERO, 1998, p. 3).

São apelos de um bonito texto da bailarina Vera Mantero...

Insisto nas discussões coletivas, nos momentos de discurso. Insisto a cada vez de um modo mais contundente, na ideia de que ao acompanharmos a população supostamente alvo da Terapia Ocupacional, em projetos relacionados ao campo das artes, do lugar de terapeutas, devemos ter um exercício clínico radical (de escuta, localização de questões relevantes, interpretação, intervenção e invenção) para impedir que essas pessoas respondam de um lugar exclusivo de doentes, deficientes, invalidados. Precisamos ser muito terapeutas para que aquelas pessoas possam ser outras coisas que não só pacientes e possam deslocar-se da condenação a uma identidade única e absoluta, que os força a manterem-se sempre os mesmos e nunca poderem ser outro. E isto nos exige vizinhanças intensas, sermos outros para estar junto de outros. Um tanto alunos de artes, assistentes de ateliê, aspirantes a atores, dançarinos: fazer junto.

No fluxo desse pensamento, introduzo a noção de uma **simpatia** como uma região de entendimento que pode nomear nossos fazeres neste projeto e na profissão de Terapeutas Ocupacionais.

PACTO-de-simpatia. ‘Sim ao *pathos*’. Afirmar um *pathos*.

A formação histórica da palavra *simpatia* nos ajuda a evidenciar o sentido com que ora pretendemos utilizá-la. Ela é resultado da

[...] prefixação *sún* – correspondente ao prefixo latino *com*, com o sentido de juntamente, do lado de, em favor de – à palavra grega *pathos* – estar aberto, estar exposto ou acessível, o que se experimenta (aplicado às paixões e às doenças)’ (INFORSATO, 2005, p. 71).

A simpatia, trazida à técnica de certa clínica que vamos inventando, é um modo de convocar o *pathos*. Simpatia obtida por meio da construção de um procedimento crítico, que valide a própria clínica em autoengendramento, em autopoiese.

Assim, podemos vir aos encontros aos quais a clínica nos chama cotidianamente. E buscar uma convivialidade, estar com, querer estar com aquilo que pode provocar uma desterritorialização conjunta, que pode alcançar forças que nos desloquem a todos em direção ao enriquecimento de nossos espíritos, não como espíritos elevados, mas mais mundanos, que cuidam e compõem com o mundo, praticamente bichos, fora das formatações restritivas do humano. D.H. Lawrence propõe a Estrada Larga:

Estrada Larga. A grande casa da Alma é a estrada larga. Nem céu, nem paraíso. Nem “acima”, nem mesmo “dentro”. A alma não

está “acima” nem “dentro”. É um viandante a caminhar pela estrada larga.

Não pela meditação. Nem pelo jejum. Nem explorando céu após céu, interiormente, à maneira dos grandes místicos. Nem pela exaltação. Nem pelo êxtase. Não é por nenhum destes caminhos que a alma se preenche.

Mas só fazendo-se à estrada larga.

Não através da caridade, nem do sacrifício. Nem mesmo do amor. Não através das boas obras. Não é assim que a alma se realiza.

Mas só através da viagem pela estrada larga. Da viagem em si mesma, pela estrada larga. Exposta a todos os contatos. Em dois lentos pés. Cruzando-se com tudo o que venha pela estrada larga. Na companhia dos que vogam ao mesmo compasso, pelo mesmo caminho. Para nenhum destino. Sempre a estrada larga.

Não tendo sequer direção conhecida. Permanecendo a alma apenas fiel no trajeto a si mesma.

Cruzando-se na estrada com todos os outros viandantes. E como? Como cruzar-se com eles, e como passar adiante? Com simpatia. Simpatia. Não diz amor. Diz simpatia. Sentir com, sentir em consonância com eles. (LAWRENCE, 1994, p. 25).

São devaneios... eu me permiti fazer assim. Dez anos depois de um começo muito importante!”

## 4 Mariângela Quarentei: sobre criar belezas...

“Para começar, quero agradecer, mais que o convite, a oportunidade de estar aqui. Talvez muitos não possam dimensionar como é gratificante conhecer os dez anos de trabalho do PACTO... Ser tomada pela força dessas experiências é um privilégio! E, além disso, poder comentá-lo e falar da sua luz! A luz desse trabalho é fulgurante. O PACTO é fulgor, cintilação.

Acompanhar relatos de potência e riquezas imensas me colocou em estado de admiração e surpresa. Ao ser convidada para este evento, fiquei a imaginar o motivo e a expectativa de ter sido colocada como debatedora na mesa em que seriam apresentados os relatos de trabalhos do PACTO e seus parceiros. Lembrei, então, que em 2006 convidei Beth Lima

para um seminário em Botucatu, no qual apresentei um trabalho sobre ações em terapia ocupacional com o título: *Ética, estética e atividade humana: experimentar, criar... afirmar, territórios, vidas... belezas* (QUARENTEI, 2006). Senti que essa era a conexão.

Naquela ocasião, expus o que chamo de um procedimento em Terapia Ocupacional, a apreciação da atividade humana, de suas múltiplas facetas, do ser em ato, da beleza do fazer das pessoas. Apreciar o que é feito, como é feito, a vida que ali está acontecendo. (QUARENTEI, 2001).

A grandeza humana dos trabalhos apresentados nesta tarde trouxe a visão da miríade de produções-disparações destes e quero tratar aqui de algumas marcas, que senti presentes em todas as experiências.

Como uma primeira marca, notei o trabalho de olhar 'o de cada um' – as forças, os impedimentos, os sonhos – e criar, a partir deste 'de cada um', algo para que o de cada um chegue a ter lugar... E isso me tocou muito!

Os projetos do PACTO e seus parceiros têm as marcas do olhar cuidadoso e generoso com 'o de cada um', e da coragem grande. Entenda-se coragem como 'possibilidade de agir com o coração' (NUNES, 2007). Coragem de romper com o que está interditando, impossibilitando que esse 'de cada um' chegue a ter lugar no mundo e possa compor um produzir coletivo, uma vida compartilhada.

A questão do lugar, de ter lugar no mundo, como questão da clínica, do cuidado em Terapia Ocupacional, se constituiu no decorrer de minhas práticas no campo da Terapia Ocupacional, da saúde mental e da arte-educação, e nos estudos contemporâneos da subjetividade, mas se enunciou desse modo a partir da leitura do trabalho de Lima (1997), *Clínica e Criação – A utilização de atividades em Instituições de Saúde Mental*, que inspirou meu texto colagem: *Criando lugar(res) para a falta de lugar* (QUARENTEI, 1999).

Estamos numa comemoração e, por isso, proponho comemorarmos que nada está dado, tudo está para ser construído e criado, e as experiências aqui relatadas testemunham-no. Muitas coisas, por exemplo, movem 'o ser gostoso encontrar-se durante oito anos uma noite por semana', relatado por um dos expositores. Porém, nada garantiu que isso aconteceria... E hoje está dado que pode se constituir, manter-se e ter continuidade.

A coragem de bancar que tudo está para ser criado nos traz a certeza de que não precisamos ser céticos, descrentes, perder a perspectiva de futuros ou... não sonhar. Às vezes, gosto de dizer que o que

a Terapia Ocupacional faz é futurar! Não é só a Terapia Ocupacional que faz isso. Nossas diferentes profissões estão no mundo para criar futuro... O nosso futuro e o daqueles que conosco estão!

Todos vocês são muito teimosos, persistentes... Teimam suas ações, seus projetos. Tomo aqui a teimosia no sentido que a coloca Barthes '[...] manter-se ao revés e contra tudo à força de uma deriva e de uma espera [...]' (BARTHES, 1989, p. 27).

E por que falar da deriva e da espera?... Para tocar na questão do trabalho do tempo. O trabalho do tempo nessas experiências é feito também de espera... A espera com o tempo dos outros e a espera para compor o tempo de todos, com todos os tempos. Esse modo de composição compreende, sempre, um deixar-se ir à deriva.

O tempo de cada um é o modo de estar de cada um, faz parte da maneira pela qual a vida de cada um se relaciona com a vida dos outros com os quais interagimos; cada um vive diferente e similarmente os tempos da família, da brincadeira, do desejo, da produção.

Mas o tempo e o espaço social, muitas vezes, absorvem a história individual marcando-a com o tempo e espaço do fracasso, da discriminação, da inferioridade e do desrespeito humano [...] (TORALLES-PEREIRA, 1993, p. 140).

Assim, faz-se fundamental reconhecer e acolher múltiplas temporalidades, no sentido que nos coloca Pelbart (1993), isto é, os diversos modos de estar no mundo aqui e agora. E esse reconhecer e acolher se faz presente nos projetos do PACTO e de seus parceiros. Eles doam tempo para que novos modos ganhem existência, possam entrar em ação e conversar com o mundo, possam se apresentar e dialogar com o que os recusava.

Claramente vi, também, a potência de agir por deslocamento sendo efetuada. E vou invocar Barthes novamente para distinguir o sentido de deslocamento como 'transportar-se para onde não se é esperado' (BARTHES, 1989, p. 27). Todos os trabalhos mostraram que podemos estar em lugares nos quais não somos esperados. A Terapeuta Ocupacional pode estar no lugar do psicólogo, o psicólogo pode estar na rua montando um roteiro de visita, fulano de tal, que é participante, pode estar no lugar de cuidador... Pode-se estar no lugar de fotógrafo, de cozinheiro, de companhia, de aluno de dança, de quem não é doente e também no lugar de estar doente, no lugar de quem conhece a rua... etc... etc... etc. A potência de deslocar-se é a de ser encontrado ou encontrar-se onde não se é esperado

ou onde não se esperava estar... É a potência de constituir-se outro.

Uma das coisas de que mais gosto no ser Terapeuta Ocupacional é fazer 'coisas' junto com os outros. Em geral, as pessoas gostam muito de fazer coisas juntas, de estar com os outros. É algo da *medida humana*, expressão trazida pela Eliane Dias de Castro nesse encontro. Estar com o outro verdadeiramente – num passeio, numa viagem – é estar passeando, viajando também. A vida é o momento, o tempo de estar com o outro. Isso é uma das coisas que o vivo – a vida – pode, no sentido de ter potência.

Percebi uma força muito grande em todos os trabalhos, na reapropriação, na reocupação, na restauração e na recriação da alegria de poder estar junto. Os estagiários do 'PACTO trabalho' disseram: 'A gente faz e faz junto!'

Penso que ainda não dimensionamos bem a beleza que o dispositivo do acompanhamento terapêutico trouxe para o trabalho clínico mais convencional. Não dimensionamos a beleza de como isso rasgou nossa ação profissional. O pessoal da Associação Morungaba usou as palavras 'romper e viver'. Ouvei isso como algo muito bonito, tão simples como o fazer com o outro. Simples, mas não banal, nem desprovido de força, pelo contrário, às vezes tão vívido que é difícil de atingir.

Profissionalmente, tempos atrás, o lema era 'tornar' o sujeito independente. Quase o mesmo que hoje está disseminado na sociedade: todos nós temos que ser independentes, autossuficientes e isso no sentido de sermos e estarmos sós em nossas ações. Penso que é uma das piores propostas que se pode fazer para as pessoas. Mas vocês, desses projetos, não fazem isso, agem de modo contra-hegemônico.

É nesse tempo da passagem entre o nascimento e a morte – a vida – que temos oportunidade de estarmos juntos, de fazermos juntos. Para podermos, depois, estar juntos, nas coisas que fizemos, com os que vierem. Podemos estar com quem já foi embora, como na oficina de fotografia quando se fala da história da fotografia, que é a história da produção de muitos humanos. Entramos em contato com esse tempo das pessoas que criaram e recriaram a fotografia no mundo. Como Terapeuta Ocupacional, este é um dos modos de operar o processo de apreciação da atividade humana no continuum da existência humana, das civilizações. Os que trabalham nos projetos realizam muita apreciação. Sabem olhar, ver e dizer o que é precioso em cada coisa.

Quero ainda tocar em algo mais que precioso: a questão da beleza. Há bastante tempo quero falar para

Terapeutas Ocupacionais sobre a questão da beleza e senti que aqui seria mais fácil, pela possibilidade de escuta. Ver beleza é muito potente. Isso, eu aprendi com a arte-educadora Maria Lúcia Torralles-Pereira, com quem trabalhei e convivi na Escola Creare, na UNESP e na Revista Interface. Com seu pensar, seu fazer e sua reflexão sobre processos de criação e educação – e, por ter me apresentado Fayga Ostrower –, aprendi a habitar singularmente a interface Terapia Ocupacional-Arte.

Trago, então, o pensar sensível de Ostrower (1998), artista plástica brasileira e pesquisadora da criatividade humana. Não sem antes retomar com vocês o que ontem aconteceu quando alguns choravam e um rapaz da plateia teve a coragem de interromper um apresentador e disse: '*é porque nasceu a beleza!*'.

Então, ver beleza, o que seria isso? Qual é a importância dela cotidianamente para nós? Fayga coloca que ver beleza é muito importante, pois:

[...] a beleza nos proporciona sentimentos complexos que ultrapassam o puro prazer. Ela penetra em nossos corações com o um impacto de uma lâmina afiada, ferindo-nos com o testemunho da grandeza do espírito humano. [...] Nunca se trata do meramente bonito e agradável [...] Trata-se de beleza como verdade [...] Nela, também se integram tensões [...] Assim, nessa intensidade e autenticidade as formas se tornam belas, de beleza imanente e vibrante, comovendo-nos com a verdade que incorporam. Poder criar beleza representa a manifestação de nossa consciência sensível (OSTROWER, 1998, p. 286).

Ainda segundo Fayga, inspirada em Shakespeare, criar beleza é uma forma de o homem ser capaz de responder à morte.

A principal apreciação, que quero fazer, é a de que há uma produção intensa de beleza, de instantes de beleza para todos, para a vida de todos com o que vocês têm feito nesses dez anos. E encerro com o **Belo e o Bom**, de Safo de Lesbos (1992), primeira poetiza do mundo grego (600 a.C.):

Quem é belo  
é belo aos olhos  
– e basta.  
Mas quem é bom  
é subitamente belo.”

## 5 Patrícia Dorneles: terapia ocupacional na interface saúde e cultura

“Querida agradecer pelo convite. Foi um grande esforço para eu estar aqui hoje e isso já aponta para um trabalho em rede: quando as pessoas se juntam para um propósito, fazem as coisas acontecerem. Estamos em um encontro que discute a interface arte-saúde e a experiência do PACTO se insere num diálogo que vem sendo construído entre saúde e cultura hoje no Brasil. Retomando minha experiência na Terapia Ocupacional (TO) e como trabalhadora da área da cultura há 15 anos, talvez eu possa trazer algumas referências de como esse diálogo tem sido construído no âmbito das políticas públicas em Porto Alegre, onde atuo há mais tempo, e em outros lugares do Brasil, que tenho acompanhado por minha colaboração ao Ministério da Cultura na gestão atual. Poderei, assim, indicar alguns pontos de contato com o que o PACTO tem desenvolvido em São Paulo.

Através de minha experiência, pude perceber como a formação em TO contribui para a atuação na área da cultura e, ao mesmo tempo, como a experiência na área da cultura pode ampliar a atuação e o olhar sobre a TO.

Por volta de 1991, no início de minha formação em TO, já tendo um trabalho de artes plásticas, tive a oportunidade de conhecer uma proposta da prefeitura de Porto Alegre, de ação de artes nas comunidades da periferia: a ‘Descentralização da cultura’, um projeto piloto da administração popular que levou oficinas de artes para a periferia da cidade.

Em 1994, quando Tarso Genro era prefeito de Porto Alegre, havia uma preocupação com a questão do ambiente e com a estética da cidade. Então, começamos a fazer um trabalho de intervenções urbanas, com oficinas de pintura mural, que, mais tarde, foram denominadas de Oficinas de Graffiti, em função da aproximação com a estética do hip hop. O que é importante trazer dessa experiência é o exercício da experiência criativa coletiva. Ao trabalhar com o grafite e com a pintura mural coletiva, exercitávamos, junto com as pessoas, suas potencialidades de construir algo juntas. O projeto final da intervenção deixou registrado no muro essa potencialidade, de compor junto e de intervir na comunidade.

Outra coisa muito importante dessa experiência é que era um trabalho de articulação e de participação política, que se sustentava na premissa do acesso à cultura como um direito. Esse trabalho

se caracterizou, também, por sua organização e mobilização, em que construímos conselhos comunitários de cultura.

O projeto ‘Descentralização da cultura’ acontecia simultaneamente à implantação da Reforma Psiquiátrica e da construção da rede substitutiva de atenção à saúde mental em Porto Alegre. Alguns de nós participávamos da luta antimanicomial e a experiência da intervenção urbana foi levada para os usuários dos serviços de saúde mental. Queríamos mostrar para a cidade que podíamos fazer uma saúde mental diferenciada e a arte teve um papel importante, com a atuação de artistas junto ao movimento, dando um efeito ‘parangolé’<sup>22</sup> à luta antimanicomial. A intervenção no espaço, a cor na cidade, trouxe outra visão para as questões da saúde, do movimento social e das lutas pela cidadania.

Nesse trabalho em saúde mental e intervenção no território, conheci Cláudio Gomes, que tinha uma produção artística fantástica, escondida embaixo do colchão. Durante um ano, trabalhamos esses desenhos, ocupando o centro de cultura de Porto Alegre e uma creche comunitária. Depois fizemos um trabalho em sua cidade, que ele havia deixado havia 30 anos, e junto à sua família.

Mais tarde, minha Dissertação de Mestrado investigou a relação entre arte e cidadania, com uma aposta na experiência da descentralização da cultura. Nessa pesquisa, os conceitos de Foucault e Arendt, em torno de uma política da amizade, contribuíram para o entendimento de que a ampliação de nossa ação no território se deu por uma relação de desejo, inventividade e amizade, que nos permitiu construir parcerias, através de nosso engajamento e fé naquilo que fazíamos.

Outra experiência interessante na interface saúde e cultura desenvolvida em Porto Alegre foi o projeto ‘Hospital Saudável’: uma proposta de ação cultural, com a perspectiva de mobilização e conscientização das temáticas da saúde, que aconteceu dentro do pronto-socorro. Oficinas de criatividade eram oferecidas semanalmente aos funcionários no seu horário de trabalho e essa facilitação da direção foi bem importante para a efetivação do projeto. Essa experiência teve repercussões importantes e ganhamos o Prêmio Top da Associação Brasileira de Recursos Humanos.

Trabalhos em equipamentos da cultura também puderam estreitar o diálogo entre saúde e cultura. Na administração do Centro de Educação Ambiental e Patrimonial de Porto Alegre, mais conhecido como Solar Paraíso, pudemos organizar o seminário Ambiente e Patrimônio da Loucura, em comemoração

ao dia da luta antimanicomial, deslocando o debate da saúde mental para os campos da cultura e do meio ambiente. O Solar Paraíso é a casa mais antiga de Porto Alegre, de 1920, e por ser patrimônio histórico e ter no seu pátio resquícios de Mata Atlântica, se tornou um Centro Cultural que juntava duas disciplinas, ambiente e cultura. Buscamos desenvolver esse diálogo a partir da ideia de Guattari (1990) das Três Ecologias e do conceito de patrimônio de Coelho (1997).

O Solar estava localizado no eixo de três grandes comunidades de periferia e ficava muito longe do corredor cultural da cidade. Havia dois grandes desafios na administração desse espaço: um era articular os conceitos de ambiente e patrimônio; o outro era levar pessoas para as atividades que realizávamos lá. Mais uma vez, minhas formações de Terapeuta Ocupacional e de trabalhadora da cultura se cruzaram. Comecei a reunir as crianças ali e pedi que elas me apresentassem às lideranças de suas comunidades. A partir da mobilização e articulação com os movimentos sociais, trouxemos, para os eventos, temática e público que interessavam aos processos de emancipação. Abordamos temas sobre infância, o graffiti, os indígenas, a juventude, a negritude, etc. Além disso, o trabalho junto com as lideranças da comunidade resultou na apropriação do espaço do Centro por parte das crianças das comunidades em vulnerabilidade. Oferecíamos semanalmente oficinas de educação ambiental e educação patrimonial, e chegamos a um número de 80 crianças por semana. Além de exposições, mesas redondas e outras atividades que mobilizam qualquer centro cultural, trabalhamos, também, com juventude e organizamos três encontros latinoamericanos de Hip Hop, em um projeto chamado ‘Trocando Ideia’, que hoje está na 12ª edição.

Para ocupar essa casa, tivemos que trabalhar com a ideia de rede e essa foi sempre a abordagem do trabalho da equipe que atuou no Solar. Nesse trabalho de rede e comunidade, foi possível descobrir a importância de uma abordagem transdisciplinar: no diálogo entre disciplinas, aproveitamos o melhor delas e juntamos esses conhecimentos para as ações culturais que realizamos ao longo desses anos.

Por fim, gostaria de trazer aqui algumas informações sobre os programas do Ministério da Cultura (MinC) que tenho acompanhado e que falam de perto com a experiência que estamos discutindo e conhecendo hoje, neste evento: o Programa Cultura Viva e o Programa dos Pontos de Cultura. Os Pontos de Cultura são instituições do terceiro setor ou instituições públicas, que trabalham no território e que recebem o reconhecimento do MinC. Os

Pontos de Cultura fazem a formação de outros Pontos de Cultura, a partir de sua tecnologia social. No programa Cultura Viva, estimulamos para que os Pontos de Cultura trabalhem em rede e, por isso, organizamos os encontros nacionais de Pontos de Cultura. Se vocês entrarem no site do MinC, vão encontrar o Mapa dos Pontos; e, se clicarem em São Paulo, poderão ver todos os endereços e contatos dos Pontos de Cultura do Estado. O Ministério vem fomentando, através de fóruns dos Pontos de Cultura e representações, a construção do que chamamos de Rede Cultura Viva.

Tudo isso aponta para uma construção em processo. É a primeira vez que o Governo Federal investe nas comunidades, na periferia, em projetos para quem não tinha acesso, democratizando os recursos. Dentro dessa linha, o ex-secretário executivo, hoje Ministro da Cultura, Juca Ferreira, sabendo que eu participava do movimento da luta antimanicomial e das experiências de ação cultural que eu fazia, me provocou para criar um projeto e pediu para a Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural (SID) para organizá-lo. Eu apresentei Paulo Amarante e a FIOCRUZ ao Ministério; através de um convênio entre a FIOCRUZ e o MinC, realizamos em agosto 2007 a oficina Loucos pela Diversidade. A oficina teve como objetivo apontar ações e diretrizes para políticas públicas culturais para pessoas em sofrimento psíquico e vulnerabilidade social. Cerca de 50 pessoas convidadas, que trabalham com arte e saúde mental, participaram da oficina. Hoje temos uma publicação que aponta os resultados da oficina (BRASIL, 2008). Em outubro de 2008, realizamos outra oficina com os artistas com deficiência, com o mesmo objetivo. Essas oficinas inserem-se na política da SID de organizar seminários com o objetivo de construir diretrizes e ações de políticas públicas para cada segmento.

Sei que temos um caminho grande na construção dessa articulação entre saúde e cultura, mas vejo que o MinC está aberto, apesar de seu pouco orçamento. Acho que esse diálogo e esses deslocamentos contribuem para a cidadania cultural de todos e para a promoção de saúde. Aposto nessa articulação, talvez seja o caminho que conheça melhor. Vejo um campo ótimo para a TO no campo cultural. Aí, faremos inserção, produção cultural e, por isso, vida.

## 6 Elizabeth Araújo Lima: praticar a ética da composição

“As possibilidades de encontro que abrimos aqui neste evento são fruto de uma infinidade de

outros encontros que foram compondo nossas vidas nesses últimos dez anos. Falar do PACTO é falar de encontro e composição. Falar de um encontro para o qual somos arrastados quando estamos realizando nossa alma, quando estamos trilhando um percurso de vida. Não foi por acaso que nos encontramos, há mais de dez anos, aqui no Curso de Terapia Ocupacional da USP e começamos a gestar um Laboratório de Pesquisa, um programa de extensão de serviços à comunidade, disciplinas práticas e teóricas na Graduação e na Pós-Graduação, e um curso de Especialização. Nós fomos trazidos aqui e para perto uns dos outros no processo de realizar nossa alma, como nos sugere D. H. Lawrence, que Erika trouxe para nos acompanhar neste evento e para quem a alma [...] deve se fazer à estrada larga, na companhia daqueles cuja alma os leva para junto dela [...] (LAWRENCE, 1994, p. 27 apud INFORSATO, 2005, p. 60).

Nós estávamos em busca de algo vital para cada um de nós e foi isso que nos levou para perto uns dos outros. A partir desse cruzamento de linhas de vidas, muitos outros encontros se deram, com diferentes matérias expressivas, com os usuários do programa, com os alunos, estagiários e bolsistas, com outros profissionais, com os projetos parceiros, que foram atravessando e se compondo com nosso trabalho.

Por isso, a comemoração dos dez anos do PACTO é para nós uma festa. Esses dois dias de junho criaram formas de expressão para uma alegria que, entrelaçada com cansaço, excesso de exigências, frustrações e trabalho duro, sustenta nossa passagem por esta Universidade.

Esta alegria que nos toma por estarmos aqui hoje é, então, tributária da possibilidade que a vida nos deu de ter podido trilhar um pouco de nossas estradas largas em companhia uns dos outros, num encontro saboroso, fecundo, que nesses dez anos tem possibilitado composições poderosas e tem sempre aumentado nossa potência de agir. Participamos, assim, de um processo de criação de um coletivo que, com intuito de desenhar com consistência, força e vitalidade uma Terapia Ocupacional voltada para o intensivo, produziu também uma ampliação da vida, da sensibilidade, e o aumento da potência de cada um dos envolvidos, de agir e de ser afetado pelo mundo. Processo no qual criação, pensamento, pesquisa, cuidado e convivência, em íntima conexão, engendraram experimentações estéticas, mestrados, esculturas, monografias, filmes, doutorados, fotografias, diários de campo, posters, artigos, manchas de cor, traços sobre o papel, lençóis bordados, corpos, formas de vida, de encontro, de troca, de enriquecimento mútuo. São produções

que buscam fazer corpo com um acontecimento, propondo uma configuração semiótica que é, ao mesmo tempo, produção de território subjetivo a partir de matérias do mundo, produção de um mundo comum e produção de territórios para a Terapia Ocupacional.

Ficamos, então, diante de uma obra coletiva cuja construção foi sustentada pelo nosso Laboratório de Pesquisa, dispositivo que acolheu e produziu uma *bricolage* de artistas, professores, pesquisadores, terapeutas, usuários, alunos de Terapia Ocupacional e produções criadoras de mundos. Essa obra coletiva indica uma associação particular entre pesquisa, arte, saúde, Terapia Ocupacional e vida, no percurso do qual foi engendrada uma experiência singular de produzir conhecimento em íntima conexão com produzir cuidado e compartilhar saberes.

Para Deleuze (2006), partilhar alguma coisa é remar junto, é estar no mesmo barco. Temos estado, em todos esses anos, no mesmo barco. Temos nos acompanhado em nossa estrada larga. Temos praticado uma ética ao exercer composições nas quais aqueles que estão envolvidos se mantêm diferentes, do começo ao fim da relação (SANTANA, 2001).

Neste caldo de composições heterogêneas, fomos recebendo, acolhendo e acompanhando pessoas e grupos que, como nos diz Castro (2001), vivenciam situações limites e, desse lugar, encontram um fio que articula fragmentos de suas histórias com momentos criativos. Para encontrarmos e acolhermos essas pessoas, tivemos, também, que acolher em cada um de nós a emergência de uma descontinuidade em nossa experiência, para construir a partir da nova sensibilidade que o encontro com o outro proporciona, uma nova relação.

Acompanhando essas pessoas e grupos em seus fazeres, suas experimentações, seus movimentos, atuando como 'guardiões da vitalidade da criação' na expressão de Nise da Silveira, estamos também criando sustentação para o desenvolvimento de seus mundos possíveis.

Assim, nos demos conta que se a arte pode ser muitas coisas, ela é, sobretudo, uma experiência da delicadeza. O encontro com os artistas, as experimentações estéticas e os materiais tem nos ajudado a buscar dimensões nas quais possamos experimentar encontros de sutilezas, que potencializam a clínica.

No acompanhamento desses processos de invenção e reinvenção da vida individual e coletiva, encontramos a força maior de inovação do PACTO. É acompanhando esses processos que vamos encontrando uma força subjetiva, coletiva, da qual

nos fala Negri (2001), capaz de resistência diante de um modelo universal que se caracteriza por excluir massas inteiras de uma pretensa universalidade inclusiva.

Por isso, nos deparamos também nesse acompanhamento com enormes muros do entorno sociopolítico, do território no qual a vida se desenrola, que parecem insistir nas impossibilidades, nas dificuldades, nas dores e na precariedade. Mas se encontramos um território marcado por precariedades, encontramos também um território cheio de pérolas, aquelas com as quais buscamos fazer nossas parcerias, construir nossa rede. Um ateliê de arte para pessoas da terceira idade, um grupo de teatro que inova na linguagem e na composição, um coral que canta e dança a cidadania e a diferença, coletivos de criação, grupos que passeiam pela cidade. Iniciativas potentes de reinvenção do espaço público, da arte do viver junto.

A cada movimento, novas composições. Cada nova parceria que fazemos, cada novo integrante que chega, um mundo de possíveis que se abre e que pede acolhimento e envolvimento para que possa ser desenvolvido. A cada um desses momentos,

[...] entreabrimos o círculo, deixamos alguém entrar, chamamos alguém ou nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1997 apud DE ANGELI, 2008, p. 136).

Então, ao mesmo tempo em que estamos comemorando nossos dez anos, estamos também nos abrindo para o futuro, para aquilo que nosso trabalho nos arrasta hoje, para os mundos possíveis que ele envolve. Sabendo que a efetuação de possíveis é ao mesmo tempo um processo imprevisível, aberto e arriscado. Não podemos nos furtar a esse desafio. Nosso trabalho é vital e diz respeito às obras inerentes à viagem que é a nossa vida.

Estas obras são para nós, também, um campo de pesquisa, questionamento e aprendizagem, e criam a possibilidade de afirmar certo modo de fazer Terapia Ocupacional. Uma Terapia Ocupacional hibridizada com a arte. E aqui é importante lembrar que formas híbridas têm grande capacidade de resistir aos movimentos cristalizantes das formas instituídas.

Para terminar, gostaria de trazer as palavras de uma participante do PACTO, em carta que ela escreveu para Lima (2005, p. 179) e que está transcrita em sua dissertação de mestrado. Ela dizia então e eu digo agora, fazendo minhas as suas palavras:

“Todos nós somos um microcosmo maravilhoso, complexo e instigante. Tem sido mais suave atravessar as turbulências da vida com o apoio de todos vocês.”

## Referências

- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural; Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. *Loucos pela diversidade*. Brasília, 2008.
- CASTRO, E. D. *Atividades Artísticas e Terapia Ocupacional: construção de linguagens e inclusão social*. 2001. 326 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- COELHO, J. T. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DE ANGELI, A. A.C. *Respiros: por um estado de jogo entre o teatro e a clínica*. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- DELEUZE, G. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. vol. 4.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- INFORSATO, E. *Clínica Barroca: exercícios de simpatia e feitiçaria*. 2005. 169 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- LAWRENCE, D. H. *Walt Whitman*. Lisboa-Portugal: Relógio D'Água Editores, 1994.
- LIMA, E.M. F. A. *Clínica e Criação: a utilização de atividades em Instituições de Saúde Mental*. 1997. 230 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- LIMA, L. J. C. *Viver e envelhecer com qualidade: interfaces da Terapia Ocupacional, atividades artísticas e gerontologia*. 2005. 210 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MANTERO, V. A desfazer-se. In: ELIPSE: gazeta improvável. Lisboa, 1998. p. 2-4.
- NEGRI, T. *Exílio: Seguido de Valor e Afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- NUNES, A. Maquinomóvel. Disponível em: <www.maquinomovel.blogspot.com>. Acesso em: nov. 2007.
- OSTROWER, F. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.
- PELBART, P. P. *A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre tempo e loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

- QUARENTEI, M. S. Ética, estética e atividade humana: experimentar, criar... afirmar, territórios,vidas... belezas. In: SEMINÁRIO ABERTO DO COLETIVO DE ESTUDOS DE TERAPIA OCUPACIONAL E PRODUÇÃO DE VIDA, 1., 2006, Botucatu. *Anais...* Botucatu, 2006.
- QUARENTEI, M. S. *Terapia Ocupacional e a Produção de Vida*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7., 2001, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2001.
- QUARENTEI, M.S. Criando lugar(res) par a falta de lugar. *Interface*, n. 5, p. 195-202,1999.
- SAFO DE LESBOS. *Safó*. São Paulo: Ars Poética, 1992
- SANTANA, D. B. *Corpos de Passagem*: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- TORALLES-PEREIRA, M. L. *“Eu não gosto de cópia”*: Reflexões sobre a prática alfabetizadora. 1993. Tese (Doutorado em Artes)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

---

## Autores

### Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-Doutora na University of the Arts, London, Reino Unido, Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil

### Erika Alvarez Inforsato

Doutora em Filosofia e Educação pela Faculdade de Educação da USP, Terapeuta Ocupacional do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil

### Mariângela Scaglione Quarentei

Graduada em Terapia Ocupacional pela USP, Terapeuta Ocupacional da Faculdade de Medicina de Botucatu, Núcleo de Apoio Pedagógico e Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Coordenadora do Coletivo de Estudos de Terapia Ocupacional e Produção de Vida, Botucatu, SP, Brasil

### Patrícia Silva Dorneles

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

### Eliane Dias de Castro

Doutora em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da USP, Pós-Doutora no Laboratório de Psicologia da Arte do IPUSP, Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil

---

## Contribuição dos Autores

Eliane Castro, Elizabeth Lima e Erika Inforsato foram responsáveis pela organização do I Encontro de Terapia Ocupacional e as Ações na Interface entre as Artes e a Saúde e pela concepção do presente artigo. Mariângela Quarentei e Patrícia Dorneles participaram do evento como palestrante. As cinco autoras adequaram suas comunicações orais, apresentadas por ocasião do evento, para esta publicação. Elizabeth Lima realizou a organização final do artigo e sua submissão.

---

## Notas

<sup>1</sup> Este texto reúne trechos das comunicações de cinco terapeutas ocupacionais por ocasião do *I Encontro de Terapia Ocupacional e as Ações na Interface entre as Artes e a Saúde*, evento comemorativo dos dez anos de funcionamento do Programa Permanente de Composições Artísticas e Terapia Ocupacional (PACTO), realizado em junho de 2009 na Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Título de obra de Hélio Oiticica.